

VOZES QUE CLAMAM POR EDUCAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE TRABALHO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES "EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL"

Antonio Pereira¹

1. INTRODUÇÃO

Dar vozes aos sujeitos que nunca tiveram é imprescindível para se construir políticas sociais que venham, senão resolver, pelo menos, amenizar a situação de pauperismo dos grupos marginalizados. Ouvir suas vozes é compreender suas representações sobre diversas categorias sociais que permeiam a subjetividade desses sujeitos. E, em relação ao grupo social alcunhado de meninos e meninas "em situação de risco social e pessoal", é imperativo esse saber para nortear as políticas sociais do Estado e mesmo da Sociedade Civil Organizada como forma de torná-las eficientes na construção da cidadania deste grupo. A educação profissional é um dos elementos utilizados pelas instituições governamentais e não-governamentais na construção ou resgate (como elas preferem dizer) da cidadania dos adolescentes marginalizados (PEREIRA, 2000).

Neste aspecto, é imperativo (re) significar, teórica e metodologicamente, a educação profissional para que cumpra o papel de inserção dos trabalhadores e filhos destes no mundo (in) formal de trabalho de forma mais digna possível. E o primeiro passo para (re) significar o ensino de ofícios e o próprio ofício é torná-lo ação concreta para o mundo do trabalho, é compreender as representações dos trabalhadores e filhos destes sobre trabalho e educação.

Estes são os objetivos desta investigação, quais sejam, de desvelar o que pensam estes (as) meninos (as) sobre trabalho e educação a partir de uma pesquisa em que se utilizou a metodologia das representações sociais. Para tanto, foram entrevistados, em 2001, 33 meninos e meninas que estavam em processo de qualificação profissional em uma instituição de assistência sócio-educativa na cidade do Salvador². Esta instituição é governamental, que desde 1997 vem atuando no campo da pedagogia de rua e da pedagogia profissional. Em outras palavras, a instituição aplica os pressupostos da pedagogia de rua (paquera, namoro e aconchego pedagógico) como forma de convencer os meninos a aceitarem a assistência da instituição e, conseqüentemente, iniciarem o processo de (re) socialização. Após esta etapa inicial de trabalho, tendo o público-alvo inserido ao quadro de assistidos da instituição, eles são encaminhados para a aprendizagem de um ofício com o objetivo de garantir a etapa final da (re) socialização.

Mas, esta pesquisa não pretende ficar apenas nas aparências das idéias fenomenológicas das representações, pretende chegar à centralidade da questão posta que é, a partir do pensamento de Marx sobre centralidade do trabalho, chegar à essência do problema, posto que é saber se o trabalho e a profissionalização são centrais para os meninos e meninas "em situação de risco social".

2. METODOLOGIA

A teoria das representações, neste estudo, vem colaborar no sentido de desvelar o que significa profissionalização, trabalho e educação para os adolescentes marginalizados. A Teoria das Representações Sociais faz ouvir a voz dos sujeitos que nunca tiveram voz e permite (re) construir o conhecimento a partir dessas vozes sufocadas que sempre foram colocadas à margem da sociedade. As representações tornam: "familiar o não familiar numa dinâmica em que objetos e eventos são reconhecidos, compreendidos com base em encontros anteriores, em modelos. No caso da memória

¹ Mestre em Educação/(UFBA), Professor do Departamento de Educação do Campus XV – Valença da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. antoniopereira@uesb.br.

² Agradeço aos meninos e meninas "em situação de risco social" pelas entrevistas concedidas.

predomina sobre a lógica, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo” (SPINK, 1993, p. 48).

As representações materializam os conceitos e objetos abstratos que estão na cognição humana. Elas resignificam a imagem que fazemos do mundo, das coisas, dos objetos; enfim, da própria vida. Para Moscovici (1981, p.181), representações são "o conjunto de conceitos, preposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais". Já Celso de Sá (1996), considera as representações como fenômenos dos campos psicológicos, sociais, históricos, culturais, ideológicos e que, portanto, fazem parte da vida humana. Esses fenômenos não são estáticos porque são relacionáveis, contextualizados e globalizados cognitivamente entre as pessoas, ampliando as dimensões da atitude, da imagem e da informação.

Para este autor, as representações (re) significam, do ponto de vista social, a imagem dos grupos marginalizados, reconstruindo o seu cotidiano e permitindo que, através deste, possa tomar consciência de seu estado opressor, porque representação é: "uma construção e uma expressão do sujeito" (SÁ, 1996, p.33). E, perceber as construções cognitivas que esses adolescentes têm de trabalho e de educação profissional é compreender o significado social destas categorias que servirão para ampliar as análises sobre o modelo de educação das instituições de assistência sócio-educativa. As representações dos (as) meninos (as) abrirem o leque de seus pensamentos, comportamentos e vivências, o que nos permitiu compreender seu cotidiano social e anseios para o futuro. Neste ponto, Marx estava certo quando disse que a: "produção de idéias, [...] está em primeiro lugar directa e intimamente ligada a actividade material e ao comercio material dos homens [...] São os homens que produzem as suas representações, as suas idéias, etc., mas os homens reais, actuantes [...]" (MARX E ENGELS, 1976, p. 25).

A produção das idéias, segundo Marx (1994), se dá pelo trabalho – categoria central – porque determinou as relações sociais; através dele o homem age e interage sobre / com a natureza, transforma e é transformado, participa e constrói sua história e seu tempo. O trabalho é o articulador entre o homem e a natureza, pelo trabalho o homem se faz homem, isto porque: "o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza".(MARX, 1994, p.202). E é pela produção material que os indivíduos afirmam sua identidade, seu tempo e sua história e, portanto, não é um ato apenas de sobrevivência, mas de relações sociais. Entende-se aqui relações no sentido amplo da palavra: relações afetivas, morais, étnicas, educativas dentre outras. E a educação é também central no sistema capitalista, pois incrementa a mais-valia. Portanto, a educação também é condição *sine qua non* no mundo do trabalho e no mundo social servindo para (re) produzir idéias e pensamentos, já que é ela mesma uma representação construída, historicamente, no seio da sociedade.

Assim, a técnica utilizada para captar as representações dos adolescentes foi a entrevista semi-estruturada em que era feita uma pergunta central, e os adolescentes iam discorrendo sobre o assunto; sempre que necessário, o entrevistador intervinha com outras questões como forma de exemplificar / explicar melhor a pergunta inicial.

3. RESULTADOS

De antemão já podemos afirmar que o trabalho significa para os (as) meninos (as) fonte de sobrevivência e a profissão é vista como potencializadora do trabalho não marginal. Desde já, a inferência que se faz é que a concepção que se encontra por trás das falas dos adolescentes sobre trabalho é a marxista, uma vez que eles a têm como elemento imprescindível da própria sobrevivência, como atividades que lhes possibilita a (re) inserção no mundo do trabalho e social. Em relação à educação profissional, o significado é mais forte, porque eles a têm como instrumento que irá possibilitar-lhes, não apenas a sua entrada ao mercado formal de emprego, mas, sobretudo, irá lhes garantir a aquisição da cidadania. Todas as esperanças são postas em uma

profissionalização que, de fato, não lhes garante totalmente a aprendizagem dos mecanismos de um ofício.

O trabalho para os sujeitos pesquisados tem lugar de centralidade, desde que é a sua possibilidade de sobrevivência e de dignificação, de não serem considerados marginais, “trombadinhas”, moleques ou qualquer outra denominação destinada aos que se encontram em condições semelhantes. Trata-se de uma possibilidade de se fazerem respeitados, tendo em vista que esta mesma sociedade do desemprego valoriza o indivíduo que trabalha. Os adolescentes associam o trabalho à construção de suas identidades, enquanto seres sociais. O trabalho assume a forma de vida pessoal e social desses adolescentes, é como se o trabalho fosse a própria vida deles, o trabalho é central para este grupo marginalizado, pois as suas manifestações sobre o que é trabalho corroboram tais afirmações: “trabalho é a vida de todo trabalhador” (A/E.O.S)³, “é a situação em que o cidadão está compatível à sociedade” (A/M.B), “trabalho é um ensino de vida” (A/P.S.S), “trabalho pra mim é ser um cidadão” (A/J.S.J), “é muita coisa, sem ele, nós não vivemos nossa necessidade de casa. É muito importante” (A/A.C.S), “é a maneira de vida, de se manter, de sobrevivência” (A/C.S.S).

Na consciência desses meninos e meninas o trabalho é o elemento de sua sobrevivência e dignidade diante do mundo. É como se suas vidas só existissem e tivessem significado pelo trabalho. Eles não sabem que as suas condições de vida marginalizada são postas pelas condições de produção capitalista. Sabem que só pelo trabalho poderão satisfazer seus desejos de consumo. Percebe-se, nas falas dos adolescentes, que o trabalho está associado à construção de uma nova vida, mas esta construção depende das condições postas pelo capitalismo, que ainda não conseguiu uma equidade social. Essa construção, por sua vez, depende da desconstrução da sua identidade marginal, forjada pela própria sociedade capitalista, para então construir um novo conceito social de infância e adolescência e de dignidade humana, e isto é uma construção histórica, mas que urge ser cotidiana. O trabalho está associado à vida no sentido de sobrevivência humana. Isto nos leva a pensar até que ponto essas representações estão servindo para uma nova tomada de posição na sociedade a favor de uma política de inserção desses adolescentes no mercado de trabalho formal, uma vez que eles estão incluídos na população economicamente ativa do país.

Sobreviver é ganhar o pão de cada dia, mesmo que seja um ganhar às custas de vários tipos de trabalho aviltado, o que importa é custear a vida todos os dias para suprir não só o bolso, mas a mente, da esperança de um dia ter as condições de vida melhoradas. Trabalhar, para estes adolescentes, se traduz de maneira transcendental, colocando-se no mesmo patamar da vida, vejamos: “o trabalho para mim é uma forma de sobrevivência” (A/R.S.T), “se não existem trabalho não existem ninguém” (A/J.B.C), “é um meio de sobrevivência” (A/V.S.S), “trabalho para mim é um meio que a pessoa deve fazer para se sustentar” (A/F.A.S).

Além desse significado que os adolescentes dão ao trabalho, há outros que envolvem o consumo – trabalho enquanto elemento que possibilita o consumo –, é o poder de consumir e, para tal, é necessário trabalhar. Consumir significa ter tudo o que lhes foi negado pelo próprio sistema de exclusão social que agora traz o desemprego e o aumento do trabalho precarizado para seus pais. Uma outra concepção de consumir, de acordo com o ponto de vista dos pesquisados, significa melhorar as condições de pauperismo de seus familiares. O desejo de ter e ser é mais do que a consciência do fazer, pois nenhum dos investigados disse que gosta de trabalhar, e sim, que precisa trabalhar para sobreviver, para comer, para ser cidadão; enfim, para ter direito à vida.

O trabalho é visto como interação social, como a possibilidade de estar em um grupo e fazer parte dele e ser recebido por ele. Fazer parte de um grupo que trabalha significa, para os adolescentes, estar em um grupo livre de preconceitos e discriminações. É como se apenas pelo trabalho e no trabalho tivessem as condições de ascender socialmente e de interagir com o outro. O valor do trabalho enquanto elemento de interação e integração social é a forma pensada por Marx e Engels (1976) quando dizem que a consciência é que leva os homens a manterem relações sociais, porque vivem em sociedade que tem o trabalho como base dessa ação. Assim, se manifestam os

³ Optou-se, neste trabalho, em colocar as falas dos adolescentes da forma como eles falaram ou escreveram. Colocou-se no final das falas as iniciais dos nomes dos adolescentes precedidas da letra A (que significa adolescente).

adolescentes entrevistados quando dizem que o trabalho permite: “viver em um grupo fazendo algo de importante, fazer parte dele e ter amigos que lhe ajuda a trabalhar, a fazer o serviço certo” (A/G.S.S), “e nos ajuda a aprender, e aprendemos a conviver com pessoas civilizadas, e é saber trabalhar em grupo” (A/T.A.S).

Em todas estas respostas observamos um grau de amadurecimento e experiência de vida desses adolescentes, pois todas estas respostas demonstram que eles têm experiência de trabalho. O trabalho também é tido como uma profissão, é o como saber fazer, na visão de alguns pesquisados. Para executar um trabalho é necessária uma aprendizagem para o trabalho e no trabalho; é o ato de aprender a exercer determinada função ou aprender a executar determinado esforço. Trabalho e aprendizagem estão associados à vida desses adolescentes, é como que se para trabalhar fosse necessário aprender e vice-versa. Assim, eles se manifestam dizendo que: “é que tem uma profissão que sabe fazer alguma coisa” (A/J.R.R), “é uma forma de aprender uma profissão” (A/A.L.O.S.S), “é aprender uma profissão para ser gente no futuro” (A/S.P.G), “é o meio onde você aprende muitas coisas e outra profissão” (A/R.F.S).

Os adolescentes valorizam a profissionalização, porque significa a sua inserção no mundo do trabalho formal. A profissão é a esperança de dias melhores, de sobrevivência mesmo. A profissionalização tem lugar de centralidade na vida desses adolescentes, sendo também, como vimos no caso do trabalho, condição *sine qua non* para a sua saída do mundo de marginalizado, mediante a preparação para o trabalho. Essa forma de pensar a educação como instrumento que prepara para o mercado está na concepção da antiga institucionalidade da educação profissional no Brasil dos anos 40, em que essa educação refletia o modelo periférico de produção fordista. Já a nova institucionalidade, decreto 2.208/97, procura garantir a empregabilidade dos trabalhadores.

Os adolescentes entrevistados valorizam os ofícios que receberam e manifestaram o desejo de aprender outros. Neste aspecto, os ofícios ministrados por essa instituição como os de culinária, cabeleireira, artesanato, informática, serigrafia, elétrica industrial, eletricidade predial, corte/costura, padeiro, informática, mecânica de diesel e cabeleireiro têm a obrigação de garantir o desenvolvimento das habilidades básicas, específicas e de gestão para o trabalho e para a vida social. Esses ofícios, garantindo tais habilidades, estariam valorizando a aprendizagem manual e cognitiva, bem como a educação para a alteridade como forma de formar o *omnilateral*.

Na visão dos adolescentes, a aprendizagem de um ofício na instituição é importante, porque aprendem novos conhecimentos para o trabalho. Esta aprendizagem também está ligada à noção de aquisição de cidadania. Quando se perguntou aos adolescentes se eles gostavam da instituição e do ensino profissional algumas respostas foram as seguintes: “gosto da instituição porque aprendo muitas coisas”, “quando uso a camisa da (instituição X) o pessoal da rua não pega a gente e tem medo”, “a instituição é importante porque ajuda a minha família a construir a casa da gente”, “gosto, porque vou receber um certificado de padeiro e poder conseguir um emprego”, “com este ofício de manicure vou ajudar a minha família”. Essa unanimidade tem uma explicação concreta, que é a crença dos adolescentes de que a profissionalização recebida irá incluí-los no mercado de trabalho; além dessa explicação, existe aquela, ainda, que envolve o assistencialismo da instituição para com eles, com a distribuição de vales-transportes, roupas, ajuda à família, custeamento de material escolar, etc. Outra possibilidade de explicar tal importância é porque a entidade de uma forma ou de outra acalentou suas carências sociais e afetivas.

Nesse ponto há um significado positivo sobre a instituição, a de que está sendo vista como aquela que lhes acessará uma educação profissional e, portanto, dias melhores. Um dos adolescentes entrevistados foi incisivo na resposta: “ela representa muito pra mim, me prepara para o mundo lá fora, a forma de se lidar com empregados e pessoas de grande posição. Ajuda o adolescente a desenvolver-se e conhecer várias coisas, adquirir mais experiência” (A/T.A.S). Já outro é categórico ao afirmar que é “uma forma de você conseguir uma formação profissional, porque o curso é interessante, porque você aprende coisa que vai ficar na sua vida” (A/C.S.F).

4. CONCLUSÃO

A instituição representa para os adolescentes não apenas a ação imediata de resolver problemas do cotidiano como auxílio em dinheiro, vale-transporte, roupas, ajuda à família, etc., mas porque lhes oportuniza adquirir algum conhecimento e ter uma melhor visão da sociedade. Os adolescentes acreditam que o ensino profissional que recebem da instituição vai lhes oportunizar a inserção no mercado de trabalho formal; quando, na realidade, sabemos que é uma ilusão, pois este mercado não abarca mais trabalhadores com qualquer tipo de qualificação, principalmente as que não estão lastreadas nas novas tecnologias da produção, como, por exemplo, a microeletrônica, e, também, quando não há o desenvolvimento de habilidades do tipo: autogestão, criatividade, aprender a aprender constantemente como necessita a atividade produtiva, dentre outras.

Trata-se de uma falácia ter o ensino profissional da instituição como possibilidade de adquirir um emprego e/ou a empregabilidade. É um engodo o que fazem com esses adolescentes, pelo fato deles possuírem uma visão positiva do ensino que recebem da instituição. O ensino é baseado nos ofícios manufatureiros, mostram-se a-críticos e não permitem a promoção social desses adolescentes. Recuperar a cidadania desses adolescentes, se é que algum dia eles a tiveram, passa pela construção de um projeto de vida social, escolar e produtivo que objetive a participação integral dos adolescentes na sociedade. Um projeto desse tipo tem que levar em consideração a história de vida de discriminação, preconceito e pobreza deles.

E o qual seria o princípio educativo desse projeto? Respondo com as idéias de Costa (1987) quando diz que é "não é formar apenas mão-de-obra, mas formar o trabalhador, formar o homem, a pessoa humana, procurando uma certa globalidade, buscando respeitar a inteireza do humano nas pessoas".(COSTA, 1987, p. 77); se não estaremos apenas perpetuando as injustiças sociais, quando se defende para os filhos das classes baixas um saber fazer. Aliás, essa é sempre a defesa que se faz, inclusive, das instituições não-governamentais que acessam sempre para as crianças e adolescentes marginalizados o ensino de ofícios manuais e/ou atividades para a submissão e o controle das suas emoções e/ou ainda para ocupar o tempo ocioso, como, por exemplo, o ensino de danças, músicas, atividades físicas. De fato, o que esses meninos precisam é de garantias de uma educação e de outras oportunidades que os levem a ser cidadãos. E, ouvir suas vozes clamando por cidadania é o princípio de toda e qualquer política social, educativa e de renda voltada para eles, pois, só assim, de fato, serão garantidas mudanças, concretas, em suas vidas.

5. REFERÊNCIAS

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **A FEBEM, MG e a proposta da educação pelo trabalho**. São Paulo: Loyola, 1987.

MARX, Karl. **O Capital**. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasileira, 1971.V.1, livro 1.

MARX, K. e ENGELS F. **A ideologia Alemã**. 3. ed. Portugal / Brasil: Martins Fontes, 1976.

MARX, K. e ENGELS, F. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes, 1978.

MARX, K. e ENGELS, F. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Ática, 1983.

MOSCOVICIS, S. **L'âge des Foules: Un traité historique de psychologie des masses**. Paris:Fayard, 1981.

PEREIRA, Antonio. A Educação profissional Oferecida aos adolescentes "em situação de risco social": uma retrospectiva histórica do ensino de ofícios manufatureiros. **Revista da FAEBA**. Salvador: UNEB, ano 9, 14, p. 65-80, jul /dez., 2000.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SPINK, Mary Jane. O contexto como pretexto. Paper apresentado no **XXIV Congresso Interamericano de Psicologia**. Santiago, Chile, 4 a 9 de julho, 1993.

SPINK, Mary Jane. **O conhecimento da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.